



PARSONS 1876

PALAFITAS NA AMAZÔNIA

FRANCISCO BARBOZA LEITE

A paisagem amazônica condiciona as atividades humanas de tal modo, como não se verifica em outros pontos do país, absorvendo o homem com tal rigor, que a sua determinação de domínio e aproveitamento das riquezas da hiléia se afigura um atrevimento inútil.

A água é, ali, o fator que gera e impulsiona a vontade do caboclo, sem permitir que homem e chão se integrem suficientemente, anulando obstáculos que até aqui se oferecem contra o desbravamento, em maior amplitude, do intrincado manto da floresta.

O homem, como que imantado às superfícies espelhantes, soma-se aos outros seres de vida submersa. Não reage, submete-se ante uma vastidão incomparável de águas margeadas igualmente pela impenetrável massa verde; água, troncos e fôlhas permitindo quase só um trabalho que se insinua de diferentes modos, mas sem grande ímpeto. O homem tem que sobreviver. Isto o obriga a contornar os problemas, aproveitando virtualidades que o meio oferece ao seu avanço contra a imobilidade aparente da mata e do chão.

A grosso modo, é essa a impressão que tem qualquer observador, não obstante a verificação que faz o adventício ao adentrar-se pelo hinterland selvagem, descobrindo nos lugares menos suspeitos a pertinência do caboclo na sua faina civilizadora.

A água rege o comportamento humano condicionando aos seus regimes qualquer atividade; as cheias e as vazantes criando formas de adaptação, influindo no pitoresco, mas sem apresentar considerável importância ao desenvolvimento, pelo menos no que se refere a uma expressão cultural universalizada.

A palafita é uma dessas modalidades que têm origem no afluxo das águas, e mesmo pela instabilidade da terra firme, naturalmente solapada pela erosão fluvial sujeita ao desgaste que os solos fracos não podem evitar.

As margens de igarapés, furos ou paranás, apresentam condição ideal para a instalação de palafitas, ocorrência que aí se estende com múltiplas vantagens. O peixe fica ao alcance da mão, a "montaria" atraca no "gurupape" que dá acesso à cabana sustentada pelos espeques fincados na lama. Aliam-se o útil ao agradável, da expressão popular, embora a compensação, no caso, relacione-se apenas à circunstância inevitável de não dispor o caboclo de outro jeito, senão submeter-se ao que o meio permite.

Como conceito de moradia, e na estrutura predominantemente vegetal, a palafita amazonense não difere de suas congêneres encontradas em rios e lagos não só do Brasil, como de outros países, entre os quais a África apresenta grupos bastante populosos.

Na bacia amazônica, a variedade de palmáceas contribui para facilitar a construção das palafitas mais rústicas, de precário acabamento e com um mínimo de comodidade; o ubucu e o açai fornecendo estames e palhas que servem para o assoalho, as vigas, paredes e coberturas de "meros esqueletos erguidos sôbre estacas" — segundo observou Roy Nash. É o tipo de palafita das regiões mais incultas, de acesso mais difícil à civilização, de confinamento mais absoluto.

Pôsto sejam escassas as palafitas a montante dos rios, aproveitando os meandros de remansos mais suaves, as nesgas de praias onde ocorrem pequenas culturas de subsistência, encontram-se maior cópia delas nos locais de entreposto, nos arruados que despontam vez por outra nas margens altas; formando aglomerados vamos encontrá-las onde subúrbios de vilas e cidades confinam com as partes alagadas.

Aí a palafita se compõe de características mais complexas, sempre rudimentar, mas recebendo maior apuro a sua construção. Acrescentam-lhe varandas cercadas de sarrajos, escadas de madeira lavrada, paredes e portas de tábuas; a cobertura é, às vêzes, de fôlhas de zinco; em casos isolados, de telha-vã. Delineia-se um conjunto de atividades que se afinam e que somam tanto o esforço do homem, como da mulher e da criança. É a palafita com certos laivos urbanos, que se insinua na paisagem como um efetivo domicílio. Há mais unidade na extensão panorâmica, o sol secando roupa nos varais e uma tranqüilidade rotineira, o mormaço tornando mais preguiçosa a lentidão de uma gente para a qual o universo é, literalmente, uma canoa.

Mostra-nos a ilustração um típico arruado de palafitas à margem do Rio Negro em época de vazante. O recesso das águas descobre o terreno firme permitindo maior sociabilidade entre moradores, as crianças aproveitam os "rasos", na incipiente mariscagem de que os mais velhos lhes dão exemplo, ou na prática de jogos preferidos. As "criações" perambulam livremente, enquanto os homens se locomovem entre as coordenadas de um penoso tributo.